

Editorial

A Revista Campo Minado vem se consolidando como um espaço de produção crítica sobre os conflitos sociais e suas formas de administração. Sua trajetória esteve fortemente vinculada aos debates sobre segurança pública, violência urbana, policiamento e sistema de justiça. Nos últimos anos, esse campo de observação foi se ampliando para outros espaços nos quais os conflitos também se produzem e se tornam visíveis. A própria trajetória recente da revista mostra esse movimento. Na 5ª edição, o dossiê “Conflitos escolares e o aprendizado dos valores cívicos na sociedade brasileira” voltou-se para as disputas que atravessam o cotidiano da escola. Na 7ª edição, o dossiê “Letramentos no ensino superior: por uma universidade mais inclusiva” colocou em discussão os desafios da universidade diante das desigualdades, dos letramentos acadêmicos e das políticas de inclusão. Com isso, a revista reafirma que os conflitos também atravessam os processos educativos, as práticas de linguagem e as formas de participação institucional.

É nesse horizonte que situamos o presente dossiê. Em nossa última reunião editorial, tornou-se central a reflexão sobre a circulação da etnografia para além da Antropologia. Hoje, a etnografia também ocupa lugar importante na Educação, especialmente no trabalho de campo de inspiração etnográfica em escolas, e nos estudos da linguagem, por meio da etnografia linguística. Como grande parte do corpo editorial da Campo Minado tem formação antropológica, consideramos importante reafirmar a necessidade de rigor etnográfico. A etnografia exige permanência no campo. Exige observação sistemática, registro situado e atenção às categorias mobilizadas pelos sujeitos pesquisados. Exige também reflexividade e articulação entre descrição e interpretação.

A imagem de capa deste número dialoga diretamente com esse debate. A fotografia foi tomada no momento em que professoras e professores coordenadores da área do PIBID da UFRJ, no eixo da linguagens, acordaram a construção deste dossiê. Nela, aparecem óculos pertencentes aos professores e autores dos textos aqui reunidos, dispostos sobre um caderno de anotações. A imagem sugere, de forma simples e expressiva, os diferentes olhares que hoje atravessam a etnografia. Cada par de óculos

remete a um modo de ver, registrar e interpretar a experiência. Ao mesmo tempo, o caderno ao fundo lembra que olhar etnograficamente envolve escrita no diário de campo e trabalho coletivo. A fotografia, portanto, não cumpre apenas uma função ilustrativa. Ela sintetiza o espírito deste número e anuncia a pluralidade de perspectivas que compõem o dossiê.

A partir desse horizonte, os nove artigos reunidos neste dossiê, intitulado “Formação docente em registros: etnografia, narrativas e diários de campo no PIBID”, organizado pela professoras Eline Marques Rezende e Johana Pardo, coordenadoras do subprojeto de espanhol, permitem observar diferentes modos de aproximação entre etnografia, formação docente, linguagem e escola, ainda em construção. Em comum, os textos assumem a experiência vivida no PIBID como ponto de partida para pensar a docência em sua dimensão situada. Os registros de campo, os diários reflexivos, os relatos autobiográficos, os diários de bordo e as narrativas de estudantes aparecem como materiais que permitem olhar para a escola em sua complexidade.

Editores da revista